

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL



## *Gerações e conjunturas: a família Silva Santos*

Beatriz Ana Loner<sup>1</sup>

Uma das formas de se estudar as limitações e desvantagens sofridas pelos afrodescendentes no Brasil durante o período republicano é estudar comparativamente as trajetórias de brancos e negros, com o mesmo ou aproximado potencial e qualificações profissionais num mesmo espaço de tempo ou conjuntura. Deste modo, pode-se perceber como as potencialidades de um artesão, por exemplo, podem ser prejudicadas ou favorecidas pelo tom de sua pele, sua origem étnica ou outros fatores que nada tem a ver com suas habilidades no ofício, e muito mais com a recepção e simpatias ou favorecimentos que angariou na sociedade. Uma tentativa desta análise comparativa foi feita há pouco tempo, envolvendo as figuras de dois artesões sapateiros : Justo (ex escravo , de personalidade tímida e ordeira) e Giovanni ( italiano, extrovertido e briguento), ambos residindo na cidade de Pelotas entre o final do império e início da república, ambos lideranças sindicais e étnicas entre seus respectivos grupos. Em termos políticos, os dois foram filiados ao PRR, depois se tornaram socialistas e chegaram a militar ao mesmo tempo, em, pelo menos, duas associações. O ensaio resultou interessante, comprovando algumas diferenciações importantes entre o modo como eram vistos pela sociedade, e, especialmente, entre as possibilidades sociais abertas as carreiras de seus respectivos descendentes, pois eles próprios viveram em uma época muito dura, e não foram muito felizes em seus negócios.<sup>2</sup>

Mas outra forma de ver como aconteceu a adaptação dos afrodescendentes ao mercado de trabalho capitalista e a sociedade republicana no Brasil é acompanhar a trajetória de um mesmo

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia, professora visitante junto ao PPG em História da UFSM. E-mail: [bialoner@yahoo.com.br](mailto:bialoner@yahoo.com.br) .

<sup>2</sup> Esta comparação foi apresentada no II Seminário Internacional Mundos do Trabalho e VI Jornadas do GT Mundos do trabalho, realizada no Rio de Janeiro em novembro de 2012.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH BRASIL



grupo familiar, ou seja, de pessoas criadas dentro dos mesmos padrões familiares, com valores culturais, religiosos e até profissionais em parte comuns, mas sujeitas a construir suas vidas em diferentes momentos conjunturais de nossa história, o que obviamente implica em atendimento – ou superação de condicionamentos – estruturais e conjunturais diferenciados, moldando e definindo trajetórias e possibilidades.

Para este ensaio, vai-se trabalhar com esta segunda perspectiva, perseguindo três gerações da família Silva Santos, todas nascidas e criadas no Brasil, cuja tonalidade escura da pele deixava evidente a origem afrodescendente, procurando ensaiar uma análise sobre os caminhos trilhados e as possibilidades abertas, bem como os principais problemas enfrentados pelos personagens. Seus protagonistas viveram nas cidades de Pelotas e Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul, duas cidades gaúchas importantes, a primeira por ter uma expressiva população afrodescendente, uma economia rica e diversificada durante o período imperial, industrialização durante a Primeira República e manter forte discriminação racial e a segunda, por ser um porto marítimo importante, com grandes e sólidas indústrias na República, com uma atitude discriminatória menos ostensiva em relação aos cidadãos de cor na república, devido ao fato da grande concentração operária na região.

As duas localidades seguiram os traços básicos da sociedade e política gaúcha durante o Segundo Império e a Primeira República: no Império, uma sociedade em formação, em zona de fronteiras litigiosas com os países do Prata, alicerçada em produtos de transformação animal enquanto a entrada de imigrantes diversificava o quadro social e econômico, inclusive na região em apreço. Na república, os conflitos tornaram-se internos e as fronteiras políticas dividiram os gaúchos de todas as cores e etnias, cobrando altos preços em seu desenvolvimento econômico e demográfico e marginalizando da política, igualmente, tanto membros da elite quanto aqueles da base da sociedade que não concordavam com o mando ditatorial imposto pelo Partido Republicano Riograndense (PRR) no estado.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH BRASIL



A família Silva Santos destacou-se política e socialmente, agregando a estas qualidades o fato de que nunca buscou esquecer suas raízes negras, sendo a maioria dos casamentos, até a terceira geração, concentrados entre o grupo negro, não buscando o embranquecimento social (HOFBAUER, 2006; DOMINGUES, 2004) e sendo ativos militantes da comunidade negra.

Vai-se iniciar o estudo por Manoel Conceição da Silva Santos, o patriarca da família. Ele nasceu por volta de 1831 com pais africanos: José da Silva Santos e Rosa da Costa Feijó, legalmente casados, mas dos quais pouco se sabe. Há uma ideia na família de que eles teriam vindo espontaneamente da África e não como cativos, mas nenhum documento pró ou contra esta versão foi encontrado. Manoel teria nascido no estado do Rio Grande do Sul, e provavelmente estabeleceu-se na cidade de Pelotas já casado, pois também não consta seu casamento nos livros da Igreja. Carpinteiro, depois construtor, parece ter tido sucesso suficiente nos negócios para possuir casa de bom porte em Pelotas ( com cinco aberturas), além de outros imóveis urbanos, um deles um galpão em rua principal da cidade, emprestado ao município para albergar os soldados que iriam lutar na Guerra contra o Paraguai em 1870.

Casou-se com Maria José dos Santos, também filha legítima de Manoel Antonio de Abreu e Balbina Maria da Conceição, e teve cerca de dez filhos, dos quais pelo menos oito chegaram à idade adulta. Ele estava presente na cidade desde a década de 1860, quando nasceram seus filhos e deve ter se entrosado rapidamente na vida urbana, tanto por seu ofício de construtor, quanto por duas características pessoais que nunca o abandonaram: sua religiosidade e devoção à *Irmandade de Nossa Senhora do Rosário*, na qual ocupou todos os principais cargos de direção e seu proselitismo partidário no Partido Liberal, no qual militou até a extinção deste. Nos dois casos, nota-se que foi de uma lealdade absoluta: a cidade de Pelotas teve três irmandades em que participaram afrodescendentes, duas delas das primeiras que foram criadas. Mesmo que posteriormente fossem tendo diretorias cada vez mais brancas, aceitavam a presença de afrodescendentes, selecionados entre aqueles de melhor posição social. *A irmandade de Nossa Senhora de Assumpção e Boa*

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH BRASIL



*Morte* possuía internamente uma *Devoção a São Benedito*, que acolhia negros, inclusive escravos. Contudo, o nome de Manoel C. S. Santos aparece apenas e com frequência, nas diretorias da *Irmandade de Nossa Senhora do Rosário*, ao lado de outros confrades com os quais tinha relações fortes de amizade e influências, quando não de parentesco via casamento dos filhos, mais tarde.

Estes mesmos confrades religiosos se tornaram depois seus liderados políticos no Partido Liberal. Manoel fazia parte do diretório municipal da cidade e seguia as diretrizes partidárias oficiais até 1880, quando passou a fazer parte da dissidência cidadina, orquestrada por Fernando Osório, de família ilustre da cidade, em episódio que lhe custará muito em termos político-sociais e também prejudicará a própria campanha abolicionista. De fato, o envolvimento de Silva Santos e outros do seu grupo com o Partido Liberal e sua inexperiência (bem como dos demais) dos riscos do atrelamento de campanhas que necessitam de ampla adesão com partidos políticos, levou a que, tanto o jornal quanto a associação negra *Fraternidade Artística*, ficassem perigosamente vinculadas à candidatura de Fernando Osório para deputado estadual, o que trouxe problemas com todos os partidos, inclusive o seu, devido a dissidência assinalada. Com isso, *A Voz do Escravo* sofreu críticas pesadas e extinguiu-se, a *Fraternidade Artística* rachou, surgindo duas associações de artesãos na cidade e o próprio *Clube Abolicionista* não foi poupado da suspeita de partidarização e teve dificuldades de consolidação na cidade, sendo atacado por alguns jornais (Loner, 2007) .

Suas principais atuações se deram no campo político e étnico organizacional, no qual auxiliou a formar as primeiras organizações negras, além de ter papel destacado no movimento abolicionista. Na campanha da Abolição, parece ter sido o elemento de ligação entre a comunidade negra e os abolicionistas brancos, atuando efetivamente desde o início da campanha na cidade, a qual ocorreu em 1880, quando fundaram o jornal *A Voz do Escravo*. Para o público, ele passou por ser obra de uma associação, mas Manoel Conceição dizia ser seu fundador e proprietário. Iniciado em 16 de janeiro de 1881, sua redação era ampla e culta, contando com o professor e literato Bernardo Taveira Júnior, o jornalista João José Cezar, o Cônego Canabarro, o poeta Francisco de Paula Pires, Licurgo de Menezes, Ferreira da Silva, publicado em tipografias de jornais da cidade.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH BRASIL



Em agosto de 1881 fundou-se o Clube Abolicionista, na fundação do qual Manoel se empenhou. Segundo ele próprio, procurou apoios entre pessoas de prestígio na cidade, colocando-os nos principais postos de direção do mesmo, embora alguns cargos importantes para o funcionamento da sociedade, como secretário e tesoureiro estivessem em mãos de afrodescendentes, ele como procurador, depois tesoureiro e Serafim Alves, como secretário.<sup>3</sup>

A organização étnica também estava concatenada com a questão abolicionista, pois ainda em 24 de junho de 1880, se fundara a *Sociedade Fraternidade Artística*, associação mutualista de artesãos. Quando Manoel Conceição ganha sua presidência, em novembro daquele ano, ocorreu uma dissidência, que vai fundar a *Sociedade Harmonia dos Artistas*, esta também mutualista e com brancos e negros em sua direção. Embora a *Fraternidade* não discriminasse pessoas pela cor, com a saída dos dissidentes, ela vai se tornar uma associação apenas negra e na qual Silva Santos vai ser pessoa muito influente, sempre presente em suas direções ou próximo, através de pessoas de seu círculo.<sup>4</sup>

O abolicionismo vai sofrer revezes em 1885, quando o Clube desaparece, por considerar encerrada sua tarefa, devido a crença no emancipacionismo, campanha que declarou a cidade livre de cativos em novembro de 1884, pois dos mais de 7 mil existentes em 1880, cerca da metade havia sido transformada em contratados, prevendo-se que os restantes escravizados também seriam libertados da mesma forma.. Ao que parece, o próprio Manoel acreditou neste caminho como solução para o fim da escravidão, mesmo porque era preconizada por seus próprios correligionários liberais, que viam o período de contrato como uma espécie de estágio para a liberdade. Mas a solução, paliativa e sujeita a numerosas fraudes, só aumentou mais a tensão na cidade, que estourou dois anos depois, num grave conflito entre escravagistas e abolicionistas, em que estes últimos,

<sup>3</sup> Jornal Onze de Junho, dia 13/02/1885. Apedido de Manoel Silva Santos sobre o Clube Abolicionista: “Aos abolicionistas e meus amigos”

<sup>4</sup> Esta sociedade já foi tratada em outras publicações da autora, como em *Construção de Classe: operários de Pelotas e Rio Grande*. Pelotas: Edufpel, 2001 .

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL



mais uma vez, condescenderam, criando outra associação, o *Clube São Sebastião*, em acordo com os escravagistas para fiscalizar o cumprimento do tempo de trabalho coercitivo que restava a cumprir pelos contratados. Novamente tem-se a presença de Manoel e seu grupo entre os abolicionistas, participando dessa associação, que pouco fez, pois criada em fins de 1887( Loner, 1997 e 2007). Contudo, deve-se ressaltar que sua participação no processo demonstra uma atitude extremamente moderada e legalista, subordinando o abolicionismo as injunções partidárias e as pressões sofridas, em que pese seu grande envolvimento com esta ideia.

Estas são as características principais da atuação de Silva Santos, que o tornaram um nome de respeito na cidade, representativo de seu grupo e importante nas questões abolicionistas, para as quais era sempre chamado. Segundo o cronista negro Rodolpho Xavier, “ sua família, de origem e sangue africanos, foi a mais considerada pela raça branca dentre as da raça preta, desde os tempos da monarquia”, pois que se ombreava com seus pares brancos e era respeitado por eles.<sup>5</sup>

Mas esse respeito estava sempre posto sob tensão, em todas suas atividades, mesmo abolicionistas. Pior ainda era na política, em que sua participação era aceita, desde que atrelada a linha partidária. Quando isso não acontecia, como no momento da dissidência liberal, sua lealdade a um candidato ou posição poderia ser vista como depreciativa e ridicularizada por parte dos adversários, como ficou claro no episódio em que após um banquete pretensamente do Clube Abolicionista houve um desfile pelas ruas pró Fernando Osório. O próprio órgão oficial do Partido Liberal na cidade se refere aos participantes como “muito poucos”, dando-se ao deleite de nomeá-los: Serafim Alves, João Faria dos Santos, Damásio Duval, Manoel Conceição da Silva Santos, Gelly Toussain “e 3 ou 4 moleques”.<sup>6</sup> De todas as pessoas nomeadas, apenas uma não era afrodescendente, mas um desclassificado social, o bêbado Toussain, sapateiro francês. Na própria continuação do episódio eleitoral, o jornal faz advertências que se está colocando esperanças vãs

<sup>5</sup> Rodolpho Xavier, “uma reminiscência”. A Alvorada, 24/02/1951.

<sup>6</sup> Diário de Pelotas, 15/09/1881.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH BRASIL



na cabeça dos escravos sobre os resultados da eleição, e com isso ela tornou-se perigosa, pois vai-se realizar ‘com escravos rondando as urnas’.<sup>7</sup>

Por outro lado, em que pese sua moderação e se reputasse “homem de partido”, suas potencialidades no campo político eram entravadas pela sua cor, pois tudo indica que nunca lhe foi permitido concorrer a conselheiro municipal (embora tivesse renda suficiente para qualificar-se como eleitor de segunda instância). Claro, um negro concorrendo a eleições no período imperial poderia ser demasiado. Mas e quanto a ocupar cargos de nomeação na cidade? Isso também não aconteceu, ao que se saiba. Mas outros que o rodeavam conseguiram algumas nomeações em cargos menores, como professor de aulas públicas, carcereiro, cargos no judiciário, etc. Mas talvez não interessassem a quem tinha uma bem desenvolvida empresa de construção civil na cidade. Tudo indica, pois, que sempre deu mais ao partido do que recebeu. E também a causa abolicionista, a julgar pelo seu próprio depoimento. Ao que parece, ele jogou com seus bens pessoais, como no episódio do empréstimo de seu galpão para alojamento de tropas, ou quando financiou a edição do jornal. E teve um papel ativo em outros campos, colocando em atividade uma escola para ingênuos, cujos professores eram seus filhos e cujo material escolar era financiada por ele mesmo, embora nominalmente estivesse vinculada ao Clube Abolicionista.

Entre a comunidade negra, era o membro mais acatado, reunindo ao seu redor outros elementos de relativa expressão da comunidade. Foi em reconhecimento dessa situação que seu filho mais velho, José, ainda rapazote, foi colocado como um dos coordenadores do Centro Ethiópico, entidade que aglutinaria a comunidade negra para as atividades abolicionistas, funcionando como uma espécie de comitê representativo da mesma, nas festas e demais atividades. Silva Santos não estava sozinho, em suas andanças havia formado um grupo de seguidores que aceitavam sua direção nas atividades políticas e étnicas.

---

<sup>7</sup> Diário de Pelotas, 30/08/1881.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL



Com a chegada da República, entretanto, a influência de Manoel Conceição diminuiu, devido à nova composição de forças e ao confuso panorama político dos primeiros anos republicanos. Silva Santos regia sua lealdade política pela direção partidária e não soube aclimatar-se aos novos tempos, como vários outros liberais. Em 1891/1892, Manoel já teria mais de 60 anos, velho demais para lutar. Contudo, a atuação de companheiros seus, como João Faria Ramos, João Capaverde e outros, que tomaram partido e combateram pelos federalistas na cidade de Rio Grande, inclusive sendo presos quando do retorno do PRR ao poder, em fins de 1892, denota que continuaram a militância, agora num sentido opositor ao governo do Estado. Seus próprios filhos mais velhos se mudaram para Rio Grande, nessa década trabalhando e militando por lá, pois a cidade portuária era um território mais simpático e seguro aos inimigos do Partido Republicano RioGrandense.

Outra questão que pesou para o declínio de sua influência foi o fato de sua fortuna ter diminuído sensivelmente. Sabe-se que tinha posses, representadas por casas e terrenos, forma conservadora de investimento, durante o Império. No inventário de sua mulher, feito em 1896, constava uma casa com 5 aberturas (o número de aberturas significava também o *status* da mesma) e uma apólice de seguros, no valor total de Rs10:969\$000. Tudo indica que, naquele momento, já já havia perdido parte do seu patrimônio, como terrenos que possuía em avenida central da cidade. E quando ele morreu, em 1918, deixou poucos bens para os filhos e netos, com sua fortuna reduzida praticamente a casa em que morava<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Um episódio ainda não bem esclarecido de sua família, tem a ver com o casamento de sua filha Joanna, realizado ainda em 1883, com o ganhador de um polpudo prêmio lotérico, Pedro Eduardo da Silveira. Muito jovem, Pedro foi transformado em rico da noite para o dia, e sua fortuna ficou sob cobiça de muitos na cidade. Um ano depois do casamento, foi feita sua interditação judicial, a pedido do próprio Manoel Silva Santos, sob a alegação de que era “pródigo” e “gastava desordenadamente sua fortuna”. Contudo, se Manoel conseguiu salvar parte do dinheiro, a grande questão é onde ele foi utilizado, pois sua filha Joanna e seus descendentes viveram pobremente e seu bisneto, José, também era pobre e provavelmente sequer sabia deste fato. Correio Mercantil, agosto de 1884 e Entrevista de José Facundo Mira à autora em 10/7/ 1996.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH BRASIL



Essa situação tem várias explicações: em primeiro, era comum naquele momento as pessoas utilizarem seus bens pessoais para fomentar ou financiar atividades político-partidárias e parece que Silva Santos fez exatamente isso no caso da campanha abolicionista. Em segundo, depois de tomar conta absoluta do governo, os castilhistas começaram a aplicar rigorosamente a lei (inclusive a fiscal) para seus inimigos, enquanto ela poderia ser flexibilizada para os amigos. Isso implica, entre outras coisas, que os filiados ou simpatizantes do PRR não pagavam várias taxas e impostos, que recaiam severamente sobre os bens dos que não se submetiam a este partido. Provavelmente é isso que explica perseverante ditado popular que era válido ainda em 1975, durante a ditadura militar e cujo conteúdo é: “Aos amigos, tudo; aos inimigos, a lei”.<sup>9</sup> E, por fim, não se deve esquecer que os primeiros anos da república foram anos de forte inflação, da política do encilhamento, da moratória brasileira, enfim, vários descabros que, por si só, desequilibraram financeiramente fortunas e negócios. No caso do estado gaúcho, esta situação foi agravada pelo longo conflito armado, que levou a elevação do custo de vida, miséria, falta de empregos e retração econômica, prejudicando a todos e refletindo-se na construção civil.

Com a Primeira República, houve uma necessária adaptação as novas condições sociais, que também sofreram profundas alterações com a Abolição e a chegada de grande massa de imigrantes estrangeiros. Para as camadas populares, o período foi marcado por lutas inglórias quanto ao racismo( DOMINGUES, 2004, ANDREWS, 2007) e a melhores condições de vida para os trabalhadores,<sup>10</sup> duas lutas abraçadas de frente pelos membros desta família e que também cobraram seu preço, com a morte de um deles. Neste momento, tiveram sobre si o impacto forte do racismo e da discriminação, contra o qual lutaram, mas que terminou alterando sensivelmente as

<sup>9</sup> Ditados não tem referênciação, mas os dados que o fundamentam são colocados por Love, 1971.

<sup>10</sup> Sobre as condições de vida da classe trabalhadora, as referenciações são inúmeras, mas veja-se, por exemplo, os problemas enfrentados pelos sujeitos livres, brancos e negros, na República artigos de Libby e Furtado, 2006 e sobre Pelotas, em Loner, 2001.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH BRASIL



possibilidades de projeção de boa parte dos membros desta família, especialmente da segunda geração, dos filhos de Manoel Conceição.

Silva Santos ainda esteve presente por muitos anos em festas e associações da comunidade negra pelotense. Ele e sua família praticamente fundaram e sustentaram uma associação recreativa negra, *a Flores do Paraíso*, e ainda se fez presente na fundação, em 1905, do clube *José do Patrocínio*, do qual foi presidente honorário.

Uma comparação fora do marco familiar, mas que se pode fazer é entre a trajetória dele e aquela de Aurélio Virissimo de Bittencourt, também afrodescendente e extremamente devoto à Igreja Católica, como ele. Sendo 18 anos mais novo que Manoel, Aurélio teria menos vantagens, a princípio, pois era filho ilegítimo, resultado de um romance entre mãe negra e pai branco, e muito pobre. Entretanto, seu pai auxiliou-o a encontrar um emprego público na administração em Porto Alegre e ele foi funcionário de carreira do governo estadual de 1849 a 1919. No Império, pertencia aos quadros do Partido Liberal. Mas aproximou-se dos republicanos e se tornou uma das figuras-chaves da administração do novo regime, secretariando Júlio de Castilhos e assessorando Borges de Medeiros. Coincidentemente, Manoel e Aurélio morreram na mesma época, 1918/1919, mas a diferenciação de profissões e trajetórias políticas repercutiu, não só nas suas próprias vidas, mas também na de seus filhos, pois os filhos homens de Aurélio tiveram profissões liberais e suas filhas casaram com pessoas bem posicionadas na sociedade.<sup>11</sup> Claro, há que considerar as diferenças profissionais, os locais em atuaram, suas escolhas e, inclusive, a singularidade de suas próprias trajetórias, pois nem todo afrodescendente empregado no serviço público conseguiu tamanho prestígio como Aurélio, e nem todo empresário da construção civil negro ficou rico, como Manoel. Mas, por outro lado, fica evidente o motivo porque, entre os negros urbanos, as carreiras militares e os empregos públicos eram extremamente cobiçados, como forma de segurança financeira, prestígio e de certo anteparo frente à discriminação.

<sup>11</sup> Todas as informações acerca de Bittencourt foram tiradas de Moreira, 2011.



## *Os filhos*

Manoel e Maria José tiveram dez filhos, dos quais oito sobreviveram até a idade adulta, quatro mulheres e quatro homens. Entre as mulheres, duas casaram e outras duas permaneceram solteiras. Entre as últimas, teve destaque Maria Salomé, que foi musicista, professora de música e primeira mulher negra a tocar no órgão da catedral de São Francisco de Paula. Junto com sua irmã Maria Jacob esteve ativa dentro da comunidade negra pelotense e também responsabilizou-se, durante os primeiros anos, pela educação das crianças negras do Asilo São Benedito. A filha mais velha, Joanna, casada com Pedro Silveira( ver nota 8) pode não ter tido sorte no casamento, mas teve pelo menos uma filha, Maria José a qual casou-se e um de seus netos, João Manoel Mira, foi padre jesuíta de expressão internacional e destacou-se por fazer a junção entre catolicismo, budismo e xintoísmo, além de ser um apaixonado por artes marciais orientais<sup>12</sup>. Portanto, pode-se ver que a ligação com a Igreja Católica, adquirida de berço, continuou forte entre a família, especialmente entre o ramo feminino dela.

Quanto aos filhos de Manoel ( José, João Vicente, Manoel Ramão e Balbino) tiveram ofícios vinculados à construção civil<sup>13</sup>, embora num nível bem mais modesto que o pai. Essa geração pegou justamente o pior período em termos de desenvolvimento econômico, com as consequências dos descabros políticos e econômicos porque passou o país durante a república influenciando suas atividades econômicas, a ponto de, apesar de continuarem com os negócios de construção civil do pai, nenhum deles teve o mesmo resultado financeiro que o pai, ou foi possuidor de muitos bens. Ou seja, se Manoel poderia ser considerado relativamente bem de vida e respeitado socialmente na sociedade imperial, seus filhos perderam *status* econômico e prestígio social. O mecanismo de perdas econômicas se explica pelos motivos acima citados, e pela própria configuração da economia

<sup>12</sup> Sobre ele há numerosos blogs com sua biografia na internet, pois morreu recentemente, em 2010.

<sup>13</sup> A trajetória de seus filhos foi feita a partir de dados pessoais e com a utilização de verbetes dos mesmos que estarão presentes no futuro *Dicionário de militantes do movimento operário gaúcho*, obra inédito de autoria de Silvia Petersen, Benito Schmidt e Beatriz Loner, ainda em fase final de preparação.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH BRASIL



brasileira na Primeira República, continuamente onerada pelas exigências do centro do país, entre elas nas políticas de valorização dos preços do café, lembrando que Celso Furtado (1987) chamou isso, apropriadamente de política de privatização dos lucros e socialização dos prejuízos. Como membros da pequena burguesia, artesãos com tendência de proletarização, os Silva Santos sofreram muito com essas políticas, dos quais o Rio Grande do Sul não se beneficiou, ou seja, nem indiretamente tiveram algum ganho ou favorecimento governamental. Além disso, a própria cidade de Pelotas entrou em decadência e, como construtores civis não alinhados com o governo, tinham pouca chance de angariar obras públicas. Como negros sofreram com o recrudescimento da discriminação racial e o preconceito, mais acirrado ainda numa cidade interiorana e que passou a viver e venerar as glórias passadas, entre elas, o seu passado escravista.

Na verdade, tendo nascido no final do período imperial, em que sua família se destacava entre as demais famílias negras, estranharam muito os ‘novos tempos’ republicanos, em que a cor tornou-se o principal e mais visível critério de discriminação, com o preconceito atingindo a entrada e permanência em bares, casas de comércio e serviços em geral. Acostumados a exercerem um papel social de referência, e vendo seu pai articular negócios entre os brancos e ser ouvido por estes, não aceitaram pacificamente este rebaixamento e foram à luta, sendo das primeiras vozes a levantar-se contra o preconceito na cidade. Também atuaram efetivamente em ações que pudessem minorar as consequências do abandono a que foram relegados os afro-descendentes depois da abolição, como com a criação do Asilo São Benedito, do qual a historiografia local sempre procura excelsar apenas os méritos e iniciativa da professora Luciana Lealdina de Araújo, a “mãe preta” como ficou conhecida, mas Asilo que foi fundado e mantido pela comunidade negra de pelotas, entre os quais os Silva Santos se destacaram, através de José, como primeiro presidente, sua esposa Alayde e sua irmã Maria Salomé no cuidado com as crianças durante seus primeiros anos.

Intuindo que a organização e elevação social dos negros passavam também pela organização do proletariado, do qual faziam parte integrante, João Vicente Santos e José Santos

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH BRASIL



atuaram na criação de uma associação de trabalhadores negros ( Sociedade Cooperativa Filhos do Trabalho), em Rio Grande, logo a seguir da abolição, a qual esteve na raiz de uma entidade geral classista da cidade ( Liga Operária), da qual José também participou em posto chave, em 1892. Em 1893, ele e seu irmão Manoel Ramão estavam entre os fundadores da *Sociedade União Operária* rio grandina, a qual perdurou por várias décadas. Já antes, em Pelotas, os três irmãos mais velhos João, José e Manoel haviam participado, além do *Centro Ethiópico*, no período do Império, da *Feliz Esperança* e da *Fraternidade Artística*, as duas principais entidades de representação negra pelotense na recém iniciada república. Jovens, fundaram e participaram de sociedades recreativas negras, como a *Flores do Paraíso* e outras. Mas especialmente destacaram-se por fundar e manter associações destinadas a agregar afrodescendentes na luta por seus direitos, fundando o *Clube José do Patrocínio* em 1905, articulando o movimento pró Monteiro Lopes em 1909, que levou a criação de uma associação com este nome, marco considerado importante porque uma das primeiras vitórias palpáveis contra a discriminação. Foi um momento de orgulho dos negros pelotenses, quando este deputado, já empossado em seu posto de deputado federal, veio pessoalmente a Pelotas para agradecer o apoio recebido, um dos mais fortes entre as localidades do interior do Brasil. Pena que foi recusada sua hospedagem em vários hotéis, devido ao preconceito local, que não conseguiam quebrar....

Contudo, aos poucos, a morte prematura foi quebrando o vigor familiar. João Vicente, que foi também músico, um dos fundadores da *Banda União Democrata*, constituída por brancos e negros, morreu em 1904, com extensa ficha de serviços prestados a comunidade negra pelotense, pelo que recebeu muitas homenagens. Manoel Ramão morreu em Rio Grande em 1905, deixando cinco filhos, um deles o futuro deputado Carlos Santos.

O irmão mais velho, José conseguiu algum destaque na profissão do pai, tendo a seu encargo a construção do Teatro Guarany, em pleno centro da cidade. Contudo, pouco depois de construído, teve que bater-se com seus donos, que não permitiam sua entrada e presença na plateia

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH BRASIL



ou nos camarotes de primeira classe, devido a cor. Indignado com o fato, tentou articular campanha contra esta discriminação, tentando criar uma nova associação, sem sucesso. Xavier, cronista negro da cidade e envolvido no episódio ao lado dele, informa que o desgosto com as intrigas e a falta de apoio da comunidade negra nesta luta lhe custou a vida, morrendo do coração, pouco depois.<sup>14</sup>

Dos irmãos, restou Balbino, que, nascido em 1879, não teve participação na luta abolicionista, mas seguiu a tradição familiar, lutando contra a discriminação racial na cidade, participando das associações negras de seu tempo e apoiando seu sobrinho, Carlos Santos, em suas lutas políticas em Rio Grande, cidade para a qual transferiu-se.

Todos eles foram criados dentro da Igreja Católica, mas sem a completa obediência que parecia ser uma característica de Manoel e do seu tempo, com a romanização empreendida igreja.<sup>15</sup> Os irmãos continuaram presentes nas irmandades e associações religiosas. A família de Manoel Ramão era muito vinculada à Igreja, através de sua esposa, em Rio Grande, e essa ligação foi essencial para o sucesso da carreira política de seu filho Carlos Santos. Houve uma participação de José Santos dentro da *União Operária Pelotense*, entidade católica que buscava influenciar os trabalhadores e concorria com as entidades classistas na cidade. Contudo, também houve conflitos com o bispo, sendo que um deles (provavelmente José) quase foi excomungado pelo bispo local, pois tentou opor-se a ingerência e controle da Igreja sobre a *Irmandade do Rosário*. Um dos locais em que houve mais trabalho em conjunto com a Igreja foi no *Asilo São Benedito*, mas é significativo que a última diretoria negra da entidade date de 1911, pouco depois do cuidado e educação com as crianças ter passado as mãos de ordens religiosas. Depois desse ano, houve administrações mistas, de negros e brancos, e a partir de 1914, consolidou-se uma transformação na direção da entidade, que dali em diante foi administrada por uma diretoria majoritariamente branca.

<sup>14</sup> A Alvorada, 04/02/1950.

<sup>15</sup> Sobre a chamada romanização da igreja e sua relação com os negros, veja-se Moreira (2011) e [Abreu.....](#)

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH BRASIL



Segundo críticas feitas posteriormente por membros da comunidade negra, nos anos 30 vai relatar em matricular crianças negras em sua escola.<sup>16</sup>

Assim, tudo indica que a relação dos irmãos Silva Santos com a Igreja Católica não foi tão harmoniosa como a de seu pai e lhes faltou apoio desta em alguns momentos chave.

Outro ponto em que se diferenciaram do pai é sua militância política. Aqui, entretanto, deve-se ponderar se houve uma falta de interesse pela política, ou se não houve espaço para essa participação, o que é bem mais provável. Já foi dito que seu pai, por suas fidelidades partidárias locais e de seu próprio grupo – que lutou ao lado dos federalistas durante a chamada Revolução de 1893- era opositorista ao PRR. É difícil saber se seus filhos não tiveram nenhum contato com este partido, ou não se filiaram a ele mais tarde, mas Manoel morreu apenas em 1918 e, provavelmente em respeito ao pai, não poderiam se aproximar abertamente dos chamados castilhistas antes disso. Verdade que José usava o título de alferes, como outros membros do grupo de seu pai, e este título implicava em alguma proximidade com o aparato governamental. Mas é mais provável que fosse consequência do apoio político aos federalistas no período da revolução, que foi quando vários homens cidadãos receberam títulos militares, ao participar das tropas em luta. No caso, como os federalistas estavam no poder, entre 1891 e 1892, é provável que tenha sido neste período.

Do lado opositorista, havia um reduzido e árduo espaço para militância político partidária, e era necessário ter muito dinheiro para gastar, pois essa militância, no caso opositorista, implicava em despender dinheiro do próprio bolso ou de amigos, para financiar campanhas eleitorais e garantir-se frente a eventuais conflitos armados. E esta situação perdurou por cerca de 35 anos. Mesmo assim, o voto popular foi cortejado pelas agremiações oligárquicas da situação e de oposição, mas a oposição só teve como desfrutar de alguns espaços de poder após

<sup>16</sup> Humberto de Freitas “ Como nasceu a frente negra pelotense”, A Alvorada, 13/05/1934.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH BRASIL



1928, com Vargas. Assim, o campo político estava fechado e também não havia espaço para o lançamento de candidaturas independentes ou operárias, ainda mais no interior.

Novamente valendo-nos de comparações extra-familiares, vale ressaltar que, para Porto Alegre, uma liderança sindical afrodescendente, Francisco Xavier da Costa conseguiu eleger-se conselheiro sob o governo borgista, mas apenas depois de submeter-se aos ditames do castilhismo, filiando-se ao PRR e cumprindo, em seus mandatos, o programa deste partido. Xavier era um líder sindical de grande magnitude, pois tinha militado por duas décadas no meio operário porto-alegrense.<sup>17</sup> Enquanto os irmãos Silva Santos se destacaram pela liderança operária nos precoces anos republicanos, quando essa não era uma escolha que rendesse frutos políticos.

E, posteriormente, eles se destacaram pela liderança étnica, quando a sua própria comunidade negra, apenas defendia-se da discriminação mas não estava preparada, como se viu no episódio do teatro Guarany para atuar ofensivamente contra ela.

### *Os netos:*

Devido ao pouco espaço, vai-se colocar a biografia de apenas um deles, o mais destacado, o deputado Carlos Santos. Nascido em dezembro de 1904, em Rio Grande era filho de Manoel Ramão da Silva Santos e Saturnina Bibiana Santos. Carlos tinha um ano quando seu pai faleceu, e sua criação foi sempre mais próxima da família materna, de sua bisavó, Felisberta, preta mina alforriada; sua avó, Florência Bezerra da Silva que juntou posses com seu trabalho. E sua mãe, que foi professora de música e organista, ligada à Igreja Matriz de São Pedro. Carlos como órfão, começou a trabalhar aos onze/doze anos, em oficina mecânica e depois em estaleiro. Foi orador por dez anos, do Bloco Carnavalesco negro Braço é Braço e auxiliou a fundação do Centro Cultural Marcílio Dias, duas organizações negras em Rio Grande. Casado com Julieta Boletto, teve cinco filhos. Depois de 1930, ajudou a fundar o Sindicato dos Metalúrgicos, do qual foi secretário geral e

---

<sup>17</sup> Ver Schmidt, 2004.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL



presidente. Participou da Frente Sindical de Rio Grande e atuou como fiscal auxiliar da inspetoria Regional do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio em 1933. Foi delegado do Sindicato dos Metalúrgicos para eleição da deputação classista federal no Rio de Janeiro e foi eleito, em 1935, deputado classista estadual. Nessa sua trajetória, teve grande apoio e influência da igreja Católica, a quem foi sempre ligado, como todos seus antepassados dos dois ramos da família. Através do Circulo Operário Rio Grandino, a Igreja apoiou e incentivou sua candidatura a deputado estadual.

Durante a ditadura do Estado Novo, trabalhou no colégio de padres em Rio Grande e atuou também como jornalista. Formou-se na Faculdade de Direito de Pelotas em 1950 e exerceu a advocacia até 1959, quando foi eleito deputado estadual pelo Partido Trabalhista Brasileiro. Em 1967, eleito deputado pelo Movimento Democrático Brasileiro, foi o presidente do Legislativo gaúcho, e, nesta condição, assumiu o governo do estado durante duas viagens do então governador Peracchi Barcellos. Foi o primeiro negro a ocupar estes cargos no estado. Morreu em Porto Alegre, em 08 de maio de 1989 e notabilizou-se, em sua prática política, como lutador pelas causas étnicas e operárias, dentro do perfil de sua família.<sup>18</sup>

Um contraponto a sua trajetória pode ser visto através de João Miguel Vitaca, que também foi deputado classista federal por Pelotas, mas que sindicalmente foi mais combativo, sempre se mantendo distanciado da Igreja e do Círculo Operário Pelotense (COP), chegando a ser considerado “comunista” em documento anônimo encontrado nos arquivos do COP daquela década. Embora mais articulado e com a profissão de jornalista, portanto em maior contato com jornais e rádios, sua carreira política não decolou depois do Estado Novo e ele retornou as suas lides profissionais. Sem dúvida, um problema particular que enfrentou foi a grave doença de sua filha, que levava a cegueira progressiva, mas não se pode creditar sua não expressão política a este fator. Vitaca, apesar de branco, foi editor do jornal A Alvorada, mas sendo mal visto pela Igreja, não sendo trabalhista

<sup>18</sup> Biografia montada a partir de entrevista de José Facundo Mira à autora em 10/7/1996 ; notícias de jornais da época e Relatório do Clube Abolicionista em 1885 ( seção de arquivo da B. P. P), além do livro de CLEMENTE e BARBOSA,1994.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH BRASIL



nem comunista, ficou sem espaço político depois de 1945, enquanto Carlos Santos, conseguiu manter suas raízes na Igreja, relacionou-se com o PTB e foi eleito em 1959, já quando era advogado.

Ele foi beneficiado porque na década de 1930, ocupava um lugar estratégico num momento de mudança, em que a participação política popular passou a ser apreciada politicamente e na qual era necessário a formação e consolidação de lideranças políticas e religiosas oriundas dos setores populares e de perfil moderado, segundo a ótica do governo e da própria Igreja. Neste sentido, era o homem certo na hora certa, tanto para a Igreja em 1930, quanto para os trabalhistas na década de 1950.

Carlos sempre foi vinculado à comunidade negra rio-grandina e pelotense e se essa questão não teve importância em sua eleição como deputado classista na década de 1930, ele utilizou sua deputação para buscar melhorias para a comunidade, como a formação de uma entidade, o Centro Marcilio Dias, que visava lutar pela educação em Rio Grande. Mas já anteriormente, como se pode ver em sua biografia, era parte representativa do grupo, tendo havido inclusive um grupo teatral que levou seu nome antes de tornar-se deputado, o que indica que tinha conquistado forte apoio na comunidade negra.

Conclusão: A partir dos dados levantados, pode-se ver o peso que a ligação com a Igreja Católica e com os partidos políticos teve para esta família. A atuação de Manoel Conceição não teria sido possível sem estes dois apoios, bem como a de seu neto, Carlos Santos. Quanto a geração do meio, dos filhos de Manoel, não pode ter expressão político-partidária, pois estava “do lado errado” no momento da fundação da república, e também foi a que menos pode brilhar, malgrado seus esforços. A geração dos filhos enfrentou uma situação de nivelamento pela cor, que talvez seu pai, paradoxalmente, não tenha sofrido tão fortemente, pois já era um negro livre e de posses, na sociedade escravocrata. Assim, boa parte de seus esforços foram baldados, como o demonstra a

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL



trajetória de José da Silva Santos, um dos poucos a fazer a denúncia pública do racismo em Pelotas, na década de 1920 e que não teve o apoio da comunidade negra. Devido ao espaço, encerra-se aqui.

## Bibliografia

- ABREU, Martha. Festas religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro n°14, p. 183-204, jul-dez. 1994.
- ANDREWS, George. *América Afro-latina 1800-2000*. São Paulo: EdUFSCAR, 2007.
- CLEMENTE, Ivo e BARBOSA, Eni. *Carlos Santos, uma biografia*. Porto Alegre: EDPUCRS, 1994.
- DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada*. Negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Senac, 2004.
- FURTADO Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1987.
- GUIMARÃES, Antônio. *Classes, raça e democracia*. São Paulo: Ed.34, 2002.
- HOFBAUER, Andréas. *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.
- LONER, Beatriz Ana. *Construção de Classe: operários de Pelotas e Rio Grande*. Pelotas: Edufpel, 2001.
- LONER, Beatriz. Abolicionismo e imprensa em Pelotas. In: ALVES, Francisco (Org.) *Imprensa, história, literatura e informação*. Anais do II Congresso Internacional de Estudos Históricos. Rio Grande: FURG, p. 57-64. 2007.
- LOVE, Joseph - *O regionalismo gaúcho*. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- MOREIRA, Paulo. Aurélio Virissimo de Bittencourt: burocracia, política e devoção. IN: GOMES, Flávio e Domingues, Petrônio ( Orgs.) *Experiências da emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2011, p. 83-108.
- SCHMIDT, Benito. *Em busca da terra da promessa: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004.